

Um olhar sobre a questão do Feminino e do Masculino

Introdução

Que os traços de achados antropológicos de nossa evolução tenham tido sempre a força de revelar o fato de que as mulheres estiveram, frequentemente, ligadas à sustentação de um sítio físico, provisório ou não, de acordo com as épocas, onde ela zelava pela prole enquanto o homem saía para caçar, penso que não nos traz nenhuma dificuldade especial para o entendimento. Esses papéis decorriam, evidentemente, das características físicas de homens e mulheres e isso perdurou por muito tempo nesses primórdios de nossa evolução.

Sem pretender historiar sobre a questão, mas apenas para usá-la com uma certa liberdade ilustrativa, quero crer que a diminuição do nomadismo e o desenvolvimento da agricultura começaram a trazer ingredientes diferentes para os papéis anteriormente desempenhados por homens e mulheres. Se tomo a liberdade de explorar esse viés é somente para enfatizar que, se houve alguma razão mais objetiva para a distribuição de papéis na vida cotidiana, não é difícil constatar que na sequência de nossa história essa questão perde toda sua objetividade e se transforma tão somente em dominação sustentada em preconceitos, os mais variados.

Desde muito cedo a mulher sofre com a discriminação que apontaria algum tipo de inferioridade para justificar sua exclusão de manifestações religiosas, sociais e profissionais. Exemplos não faltam, já Aristóteles dizia: “A mulher é inferior ao homem; deve, pois, obedecer”. São Paulo, numa carta aos Coríntios, afirmava: “A mulher deve calar sua voz na igreja e, se quiser aprender algo, deverá, em casa, consultar seu marido”.

Durante a Idade Média, podemos verificar uma ligação da mulher como sendo aquela que encarnava o diabólico, como bruxa que precisava ser purificada no fogo. As ideias do obscuro e do pecaminoso sempre se ligaram ao feminino. Vemo-la oscilando entre a prostituta pecaminosa ou santa mulher de Deus, ou ainda de um único homem que a torna respeitável, mas a condena a uma condição submissa de cidadã de segunda classe.

Faço, a seguir, uma breve referência a um autor chileno chamado Isidoro Loi (apud Fuentes, 2012), que fez uma interessante pesquisa que depois foi transformada num livro intitulado: *La Mujer*. Nele o autor resgata várias citações bíblicas, de textos budistas, de provérbios árabes e chineses e, ainda, citações filosóficas e literárias, todas apontando para a desvalorização do feminino. O livro de Loi traz na capa além de uma maçã mordida, a seguinte frase provocativa: “Si lamujerfuesebuena, Diostambíentrendría una”.

Com certeza, qualquer um de nós pode dar testemunho de situações dentro do campo religioso que continuam mantendo a mulher no mesmo lugar secundário. Também podemos com facilidade apontar para escandalosas desigualdades de tratamento em outros campos como o social e o profissional. Neste último, notadamente, fica explicitada a menos valia do trabalho feminino quando diante de cargo e função idênticos o homem recebe remuneração superior sem qualquer justificativa que pudesse dar suporte a tal discriminação.

Esta pequena introdução não visa mais que revelar que a história do feminino é marcada por um traço de inferioridade e percorre todos os períodos da história humana. Como já havia dito, longe de querer aprofundar os aspectos aqui levantados, tinha antes a intenção de fazer preambulo ao momento em que a psicanálise, com Freud, toma a questão do feminino como objeto de estudo para, em seguida dialogar com Lacan e suas proposições sobre a questão da sexuação.

Freud: feminino e masculino, um destino subjetivo construído pelo Complexo de Édipo.

Em 1905, *Nos Três Ensaio*s, para tratar da questão da sexualidade, Freud nos apresenta dois conceitos fundamentais: o de pulsão e suas consequências únicas para o destino sexual humano e o de bissexualidade. Para o conceito de bissexualidade, Freud vai buscar subsídio no desenvolvimento embrionário que dispõe, na sua origem, das duas possibilidades anatômicas as quais seguirão um curso específico a partir dos comandos gênicos dominantes na formação original dos gametas ou células sexuais.

Quanto ao conceito de pulsão, como todos sabem, podemos dizer que ele vem marcar a especificidade da sexualidade humana em sua distinção fundamental para com

a sexualidade animal de caráter instintivo. Dizer que a sexualidade humana é pulsional significa afirmar que ela não tem um objeto natural e mais, que qualquer objeto pode satisfazê-la e que isso dependerá de um destino construído na relação com seus pais ou os substitutos que exerceram a função de cuidar da criança. O destino de ser homem ou ser mulher decorrerá, portanto, de uma história relacional que se constituirá, para Freud, no complexo de Édipo. Isso permite, que de nossa parte, possamos afirmar que o gênero não está inscrito na anatomia e nem seguirá um padrão prévio, instintivo, mas, que resultará de um jogo identificatório resultante da vida relacional do sujeito.

Em 1915, no trabalho “Pulsão e seus destinos”, Freud além de detalhar as características da pulsão, retoma a questão do masculino e do feminino para atribuir-lhes representações muito específicas: o masculino teria relação com a atividade e o feminino com a passividade. Note-se que ele não está falando de homens e mulheres, mas dos aspectos femininos e masculinos que todos temos. Ficará mais fácil entendermos isto se nos reportarmos a um outro trabalho freudiano, de 1924, chamado “A dissolução do complexo de Édipo”.

Com brevidade proposital, dado que não trago aqui nada que não seja conhecido, quero apenas esboçar os elementos componentes do destino pulsional do complexo de Édipo nesta dissolução. Freud expõe que, para o menino em sua aderência amorosa à mãe como primeiro objeto de amor, também se juntará a relação amorosa com o pai tornando completo o eixo amoroso do Édipo. Na outra via destas relações aparecerá o elemento hostil de rivalidade, tanto para com a mãe quanto para com o pai, fazendo oscilar, num jogo dialético, estas valências afetivas até o momento que prontifica a saída do Édipo.

Como destinos possíveis para o menino temos, de um lado, a persistência do amor pela mãe como objeto libidinal, amor que, todavia, terá que ser abandonado frente a ameaça de castração que esta escolha traz como consequência diante da figura rival do pai. A outra possibilidade de saída do Édipo marcaria para o menino a persistência da relação primária com a mãe sustentada numa identificação com ela e passando, portanto, a ter como disponibilidade de escolha de objeto, um objeto de seu próprio sexo.

Mantendo a simplificação desta linha expositiva aponto que Freud destaca, como diferença, que se a castração promove a saída do Édipo para o menino, para a menina o

processo é bastante diverso, pois a constatação da castração materna (ausência de pênis na mãe) e a conseqüente inveja do pênis a levaria na direção amorosa do pai como forma de restituição simbólica do pênis que ela acredita ter perdido, por exemplo, concebendo a fantasia de ter filhos do pai. Uma outra saída, seria marcada por uma identificação com o pai para sustentar uma escolha de objeto compatível com seu próprio sexo. Seguimos assim o que Freud chamou de possibilidades ativas e passivas quanto às posições masculinas e femininas encaminhas na dissolução do complexo de Édipo. Para contextualizar mais claramente essas posições freudianas, gostaria de ressaltar que ainda em seu trabalho de 1925, sobre “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, ele irá reafirmar, com toda convicção, o completo desconhecimento, por parte da menina, de sua vagina durante a fase fálica; onde operariam apenas o clitóris e o pênis na dialética fálico-castrado.

Este tema será retomado e ampliado, especialmente no que se refere a questão do feminino, no texto de 1931, “A sexualidade feminina”. Como conseqüência da linha de pensamento que Freud vinha seguindo com relação ao Édipo e pelas diferentes relações com a castração de meninos e meninas, ele conclui que, para o menino a saída do complexo em sua concessão ao interdito promovido pela castração deixará como herança estrutural a introjeção da figura paterna resultando no que ele definiu com superego. Já para a menina, exatamente porque a castração não lhe faz ameaça, haveria uma saída do Édipo realizada mais tardiamente e resultando num superego mais brando, concessivo. Destaco aqui que este é um dos elementos que vão constituir a visão freudiana do feminino, juntamente com a predominância do traço passivo da feminilidade.

Observando a descrição freudiana da sexuação feminina não se pode evitar de chegar à conclusão de que a mulher acaba sendo conotada com uma certa negatividade. Talvez, usando tintas um pouco fortes, pudéssemos afirmar que a mulher ocupa uma posição secundária em relação a sexualidade masculina, como uma forma de tentativa fracassada. Ou seja, a posição da mulher seria decorrente de uma série de tentativas frustradas de ter o pênis-falo.

É bem sabido que Freud tinha para com este tema uma série de incerteza traduzidas em espanto, num texto de 1926, “A questão da análise leiga”, por exemplo, ele afirma que “a vida sexual das mulheres adultas é um continente negro”. Em outro momento, numa conversa com Marie Bonaparte, segundo consta, teria formulado a

famosa frase: “Afinal, o que quer uma mulher”? Ele não se furtava a reconhecer que seu conhecimento sobre o feminino, trazia-lhe uma sensação de insuficiência e, em decorrência, fazia um expresso convite à que as analistas que o seguiam, na senda analítica, para que se ocupassem de preencher as lacunas que ele deixava.

Lacan e seus aportes

Cabe, de início, um comentário de ordem geral, que pode ter um interessante efeito simbólico para o que nos trará Lacan. Falo de uma inegável condição imaginária da relação homem-mulher que, não raro, no mundo ocidental, encontramos na forma de metáforas alusivas a uma ideia de complementariedade no encontro entre os sexos, por exemplo: “as duas metades da laranja”, “almas gêmeas”, “a tampa e a panela”, e tantas outras. Todas derivadas, sem dúvida, de um ideário de amor romântico. Lacan virá com suas ferramentas conceituais abalar estas convicções e transformar a compreensão psicanalítica tal qual nos foi deixada por Freud.

Peço a consideração de vocês quanto à falta de referência específicas para cada conceito, mas estou me propondo a uma exposição mais livre dos mesmos, guardando, é claro, a obrigação de citações precisas para os momentos, nos quais eventualmente, venha a fazer uso de falas pontuais de Lacan.

Entendo que uma das principais contribuições de Lacan para a discussão em questão, tenha sido a formulação do conceito de objeto a. Objeto causa de desejo, objeto não apreensível pela dialética imaginária e, afinal, expressão do real. O objeto fálico ou simplesmente falo, em Lacan, ganha um estatuto muito próprio e se afasta da associação direta ao pênis, tal qual se verificava em Freud. Além disso, o conceito de castração vai se traduzir como a separação entre a mãe e a criança e incidirá, neste sentido, da mesma forma para ambos os sexos.

A mãe representará para a criança recém-nascida o A (grande Outro - tesouro significante da cultura), aquela que traz a linguagem e todos os elementos da cultura a qual pertencem ela e seu bebê. Num primeiro momento, a mãe ou aquela que exerce a função materna, deverá capturar a criança numa fusionalidade narcísica para que esse

efeito de intensa libidinização propicie a criança a condição de assumir a posição daquela que representa o ideal de eu dos pais, podendo, neste sentido, identificar-se com o que Freud (1914) chamou de “Sua majestade o bebê”. Este momento corresponderia à identificação primária do bebê com a imagem ideal de si mesmo sustentada pelo olhar materno. Processo descrito por Lacan no texto chamado: “O estádio do espelho” (1936).

Essa fusionalidade vai permitir a criança constituir esse eixo imaginário que marcará ao mesmo tempo a constituição do eu e do outro, numa especularidade jamais remediável. Se já falei do real na sua apresentação como objeto a e do imaginário em sua sideração narcísica, falta acrescentar o outro elo da metapsicologia lacaniana, o simbólico. O que está suposto de partida é que a mãe como A tem em si a representação do interdito da lei do pai, ou seja, ela é castrada. Embora na relação inicial com a criança a mãe represente o que Freud chamou de das Ding (a Coisa) na sua totalização de real, isto, é claro, só ocorre funcionalmente e durante um tempo limitado. A mãe toma a criança como seu objeto de desejo e esta, por sua vez, na posição de “Sua majestade o bebê” estará identificada com o falo materno. Falo, como objeto que, nessa fusionalidade, obtura a falta.

O interessante no ponto de vista lacaniano, é que a questão das diferenças sexuais não vai se instituir, como em Freud, a partir da presença ou ausência do pênis como referência da questão fálica. Em Lacan, a castração, como registro da falta, será instituída por um objeto conceitual que cria a falta, não se trata, portanto, da falta de um objeto natural, mas do encontro com o significante fálico e seu poder de inscrever tanto o menino quanto a menina no campo da sexuação. Será, pois, como um efeito secundário que a diferença anatômica entre os sexos vai entrar em questão, homens e mulheres são igualmente fálicos, mas a subjetivação deste significante será distinta para ambos.

E, como foi dito acima, será no encontro com o A barrado, marcado pela Lei do pai simbólico, castrado, que criança experimentará a castração em si e terá acesso à linguagem como parte de sua estrutura mental, assumindo a condição de sujeito desejante.

Lacan faz uma longa explanação deste processo, no Seminário V (1957/58), “As formações do inconsciente”, através da descrição dos três tempos do Édipo. Para ele o Édipo é um efeito de estrutura com a concorrência de quatro termos: A mãe, o pai, o

bebê e o falo (claro que estamos falando aqui, essencialmente, de função materna e função paterna). No primeiro tempo do Édipo, mãe e bebê estão fusionados pela projeção do ideal narcísico da mãe sobre o filho ou a filha que ela gerou e que encarnam o seu objeto fálico restituído e com o qual a criança se identifica. O pai, neste momento tem uma importante função de oferecer sustentação para esta célula narcísica, inclusive na complementação da própria função de cuidar do bebê.

Somente no segundo tempo do Édipo é que o pai surgirá de uma outra posição aos olhos da criança. Ele terá então sua investidura imaginária como falo rival perante a posição que a criança ocupa no desejo da mãe. Deste lugar concorrente pelo desejo da mãe, o pai obrigará a que a criança se descole da condição absoluta de ser o falo, fazendo-a interagir com a dúvida de ser ou não ser o falo da mãe. Aos poucos, como diz Lacan, desta condição de privador e frustrador da relação mãe-criança, o pai começará a despontar aos olhos da criança como aquele que também dá algo que a mãe deseja, insinuando a castração operante na mãe e sua condição de não-toda. Outra dialética tomará então o lugar da anterior, o que passa a estar em questão é a possibilidade de ter ou não ter o falo e esta articulação faz surgir o pai na posição de pai simbólico como aquele que regula o desejo materno. O pai que articula a lei da proibição do incesto como expressão da não completude, em todos nós humanos, é o pai simbólico e isso nos abre a possibilidade de nos tornarmos seres de desejo. O terceiro tempo, sintetiza a dissolução do complexo de Édipo, em sua saída estruturante como descreveu Freud (1924) e coloca o sujeito no campo da sexuação como homem ou mulher, segundo Lacan.

Desculpo-me, desde já, pela ligeireza da exposição e do possível prejuízo ao melhor entendimento do Édipo em Lacan, mas tenho como atenuante minha atenção para com o limite de tempo deste encontro. Ressalto, do que foi dito, que o falo é o significante articulador da entrada no campo da sexuação tanto para o menino quanto para a menina, igualmente importante, o falo é o significante que permitirá ao sujeito a produção de suas significações, articulando um mundo de sentido. Restará ainda discutir as diferenciações que Lacan fará surgir para os modos de gozo no homem e na mulher.

Lacan irá partir do texto freudiano de 1913, “Totem e tabu” para extrair dali a lógica de construção do masculino como categoria universal. Lembremos rapidamente do que trata o texto de Freud neste aspecto particular que nos interessa abordar aqui. Trata-se da descrição do mito da horda primitiva e da relação do macho dominante que

tem acesso sexual à todas as mulheres e controla todos os filhos como potenciais rivais, expulsando-os para fora do grupo quando lhe convém ou inclusive dispendo da vida de um destes incômodos competidores.

Neste estado de coisas, Freud ressalta que além da rivalidade pelas mulheres esse pai poderoso também é reconhecido como protetor e provedor do grupo, marcando assim esta relação com o viés da ambivalência afetiva; o pai é odiado, mas também é amado. O jogo de forças nesta convivência ganha outra dinâmica quando os filhos, que sozinhos eram incapazes de derrotar o pai, unem-se com o objetivo de mata-lo e depois o devoram num festim totêmico. Porém, o assassinato do pai expõe uma obviedade ao grupo fraterno, nenhum deles poderá ocupar o lugar do pai, pois teria o mesmo destino que ele.

A morte do pai festejada e depois pranteada como resultado da ambivalência de amor e ódio, faz surgir o sentimento de culpa e torna o pai morto ainda mais poderoso do ponto de vista de sua capacidade de interdição; só que agora este interdito internalizado é simbólico. A Lei deste pai morto força os frateros a abrirem mão das mulheres do grupo e buscar mulheres de outros grupos, constituindo, para Freud, a base da exogamia a partir da proibição do incesto.

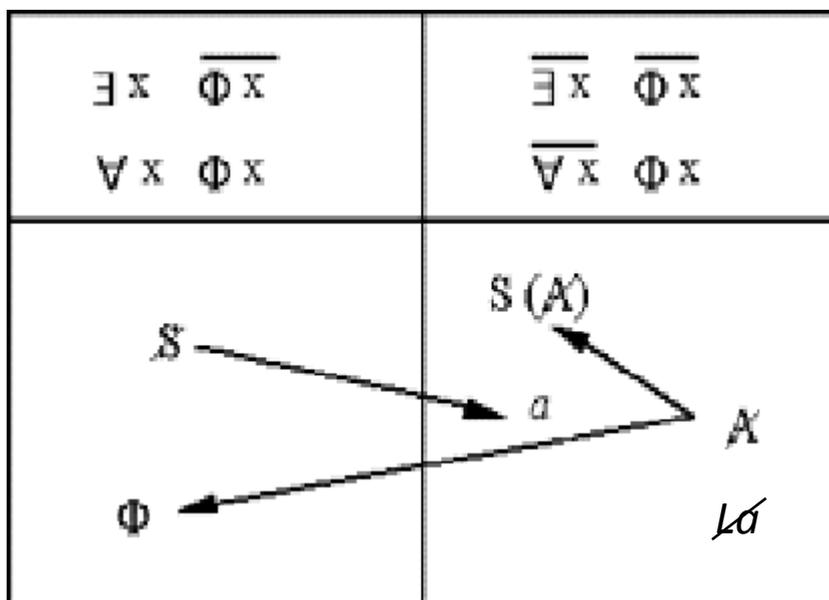
Lacan vai lançar mão da lógica moderna de Gottlob Frege, que, dentre outras coisas, tinha a pretensão de transpor a lógica para expressões matemáticas com aliás, o próprio Lacan pretendeu fazer com a psicanálise através dos matemas. Balizado pelo trabalho de Frege e também de elementos da lógica aristotélica, como a questão do particular e do universal, Lacan vai propor um modelo lógico para a condição do masculino. O pai da horda primitiva, por sua total ausência de limites, por seu gozo ilimitado, é chamado por ele de: “o ao menos um não castrado”. Depois de sua morte, todos os outros homens vivem dentro do limite da proibição do incesto, da lei do pai internalizado, daí serem todos castrados pelos limites desta lei e podendo, portanto, desfrutar da condição de prazer gerada como sobra quando do limite do gozo totalizado que fora usufruído pelo pai. Lacan chama a essa possibilidade de prazer de gozo fálico, o gozo articulado ao desejo como efeito da castração.

A conclusão lógica que ele extrai daí e que está exposta matematicamente na parte superior esquerda da tabua de sexuação, colocada a seguir, é a seguinte: existe um homem não castrado no qual a função fálica, efeito da castração, não incide, em todos

os outros homens a função fálica incide. Donde se pode concluir que os homens atendem a uma condição universal que os iguala. É preciso que haja uma exceção para que se configure uma regra universal. Já a situação da mulher será marcada pela ausência desta “ao menos uma mulher não castrada” o que impedirá, segundo Lacan, a conformação de uma categoria universal que defina mulheres.

No Seminário 20 (1972/73), “Mais, ainda”, Lacan retoma a questão e propõe a formulas da sexuação no seguinte modelo:

A coluna da esquerda representa o homem e a coluna da direita a mulher. Para explorar um pouco mais esse modelo, em sua parte de baixo podemos verificar que do lado esquerdo restam o sujeito barrado e a função fálica sendo que o objeto a é direcionado para o lado da mulher representando a busca desejante. Já do lado da mulher vemos uma interação bidirecional entre o significante da falta no $S(A)$ e o falo na posição masculina passando em um vértice que se forma no termo $A/$ que define o significante de uma mulher. Vale destacar, porém, que no texto original em francês Lacan usa La , que me parece menos propício a causar confusão com outra notação lacaniana que diz respeito ao grande outro barrado que se representa desta forma.



A partir deste modelo lógico é que Lacan vai dizer que “A mulher não existe”, não existe como um universal lógico demonstrável diante da função fálica e, seguindo a

mesma linha lógica de raciocínio, dirá que é impossível o encontro desses universais, já que um deles não existe, e afirmará também em decorrência disto, que não há relação sexual. Claro que ele diz isso com relação ao Homem (universal) e uma mulher (não-toda, única e particular).

Fica claro para todos que se detém a observar estas formulas mais atentamente, que elas acabam tendo uma possibilidade algo restrita de abarcar todos os limites da sexualidade contemporânea, apesar das interessantes relações que o modelo nos permite fazer, por exemplo, com relação ao gozo masculino e feminino, como citei acima. Mas o modelo acaba colocando parâmetros muito parecidos, em certo sentido, ao que já observávamos no Seminário 3 (1955/56), “As psicoses” que nos assinala a saída transexual de Schreber como um escape desses elementos reguladores que marcam o campo da heterossexualidade. Será que este modelo abrange todas as experiências da sexualidade contemporânea sem lança-las no campo da patologia?

Pensemos, por exemplo, nos argumentos da teoria *Queer* que surgiu ligada ao pensamento feminista e ganha corpo na teorização da filósofa pós-estruturalista Judith Butler que procura acolher as escolhas sexuais que se afastam das fronteiras tradicionais da heterossexualidade e do bissexualismo para dar expressão a manifestações sexuais que englobam limites mais amplos, desde a forma de se apresentar socialmente até as diferentes possibilidades de usufruir do prazer.

Para citar mais um exemplo atual, na Suécia, uma pré-escola estadual chamada ‘Engalia’ as crianças não são diferenciadas, tratam-se de amigos, usam o mesmo banheiro e não se diferenciam a partir de elementos do vestuário. Ainda na Escandinávia, um outro exemplo dessas mudanças pode ser visto através da nomeação das crianças que busca ser a mais neutra possível, para não estar comprometida com um dos gêneros. Até no pronome de tratamento busca-se usar algo equivalente ao ‘it’ do inglês.

Acredito que muitos dentre nós, que tratam de adolescentes, estão podem dar testemunho de uma grande flexibilização nas formas de encontros sexuais entre os jovens, especialmente, pelo menos na minha clínica, entre as mulheres, embora não exclusivamente. São conformações de duplas que desfrutam a chamada sexualidade fluida, como experiência que não se contém em limites tradicionais do pensamento sobre as questões de gênero.

O que nos trazem afinal estas questões todas? Estaríamos diante de uma visão de homem que não precisa estar aderida ao masculino e uma visão de mulher que não necessariamente estaria aderida ao feminino? Bem, penso que ainda há muito o que elaborar, mas que elas nos sirvam, de início, para quebrar adesões preconceituosas e patologizantes que extraem o pior de nossa humanidade transformando em violência a nossa incompreensão. Grato.

Referências

FREUD, S. 1905, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” v.7Edição Standard Brasileira (E.S.B.) das *Obras Psicológicas Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1980.

_____, ... 1913, “Totem e tabu”, v. XIII

_____, ... 1914, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, v.XIV

_____, ... 1915, “Os instintos e suas vicissitudes”,v. XIV

_____, ...1924, “A dissolução do complexo de Édipo”, v.XIX

_____, ...1925, “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, v. XIX.

_____, ... 1926, “A questão da análise leiga”, v. XX

_____, ... 1931, “A sexualidade feminina”, v. XXI

FUENTES, M.J.S. 2012, *As Mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte, Scriptum, 2012.

LACAN, J.1936, *Os Escritos*, “O estádio do espelho”, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. 1955/56, *O Seminário livro 3, As Psicoses*, Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____, ...1957/58, *O Seminário livro 5, As formações do inconsciente*”, 1999.

_____, ... 1972/73, O Seminário livro 20, Mais ainda, 1985.